



UNICAMP
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

COMVEST
Comissão Permanente para os Vestibulares

2007

vestibular nacional
UNICAMP

2ª Fase

Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Como em anos anteriores, a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa procurou avaliar a relação do candidato com a linguagem em seus diversos aspectos. As questões de Língua Portuguesa enfocaram o trabalho de observação da linguagem, sobretudo no que diz respeito aos processos de significação e às diferentes possibilidades de formulação da escrita. As questões de Literatura, por sua vez, tiveram por objetivo a avaliação da leitura literária, assim como o conhecimento efetivo das obras que constam da lista divulgada previamente.

Nas páginas que se seguem apresentamos as questões, cada uma acompanhada das respostas esperadas e de dois exemplos de resoluções, um com nota abaixo da média e outro com nota acima da média, comentadas pela banca elaboradora. Esperamos que com esse material o candidato possa fazer uma análise da prova que não se restrinja aos seus aspectos superficiais e tenha uma compreensão mais profunda dos critérios de correção em uma prova dissertativa, o que é fundamental para uma boa preparação. Pretendemos também mostrar que a correção, embora pautada em critérios pré-estabelecidos, procura contemplar maneiras distintas de formular as respostas. A grade proposta pela banca elaboradora, assim, não é definitiva, mas adaptada para incluir respostas que se mostram adequadas aos objetivos propostos pelas questões, apesar de não terem sido inicialmente previstas.

1. Matte a vontade. Matte Leão.

Este enunciado faz parte de uma propaganda afixada em lugares nos quais se vende o chá Matte Leão. Observe as construções abaixo, feitas a partir do enunciado em questão:

Matte à vontade.

Mate a vontade.

Mate à vontade.

a) Complete cada uma das construções acima com palavras ou expressões que explicitem as leituras possíveis relacionadas à propaganda.

b) Retome a propaganda e explique o seu funcionamento, explicitando as relações morfológicas, sintáticas e semânticas envolvidas.

Resposta Esperada

a) (3 pontos)

Dentre outras possibilidades:

(Beba) (Chá) Matte (Leão) à vontade.

Mate a vontade (de beber Matte Leão).

(Beba chá) mate (Leão) à vontade.

Obs.: Não serão consideradas leituras que não se enquadrem no conjunto da propaganda como, por exemplo, mate (as pessoas) à vontade; mate (os animais) à vontade.

b) (2 pontos)

A propaganda justamente trabalha com as diferentes possibilidades explicitadas nos enunciados construídos em **a**.

No primeiro enunciado (Matte à vontade), observamos a implicação do verbo (beber, tomar) e de parte do nome próprio (Leão), o que impossibilita que Matte se confunda com o verbo 'matar', devendo ser lido, necessariamente, como um substantivo. A crase, marcando a contração do artigo definido feminino com a preposição 'a', indica que há uma relação morfológica que obriga a leitura de 'à vontade' como uma locução adverbial. Desse modo, 'vontade' não tem a função de substantivo.

No segundo enunciado (Mate a vontade), a ausência da crase indica que não se trata de uma locução adverbial. Desse modo, 'vontade' deve ser lido como um substantivo, portanto, nesse caso, 'matar' será um verbo.

No terceiro enunciado (Mate à vontade), repete-se a relação morfológica que obriga a leitura de 'à vontade' como uma locução adverbial. Já com relação a 'mate', a escrita da palavra indica tratar-se de um nome comum e não um nome próprio, como no primeiro enunciado.

Nesse sentido, o funcionamento da propaganda incide em um jogo morfossintático, com implicações

semânticas, que se caracteriza pelo desliz entre 'Matte' (nome próprio), 'mate' (substantivo comum), 'mate' (verbo), e entre 'à vontade' (locução adverbial) e 'a vontade' (artigo + substantivo/sintagma nominal), o que produz um cruzamento na leitura, que traz ao mesmo tempo "Mate a sua vontade com Matte Leão" e "Beba Matte Leão à vontade". Ou seja, na medida em que "Matte a vontade" traz o nome próprio 'Matte', podemos entender que para "matar a vontade só com Matte Leão".

Exemplo Acima da Média

a) Completando as construções do enunciado com palavras que explicitem as leituras possíveis da propaganda, temos:
Beba chá Matte Leão a vontade.
Mate a vontade de tomar chá Matte Leão.
Mate sua vontade de tomar chá à vontade.

b) Ao usar as frases "Matte a vontade. Matte Leão", a propaganda usa o nome do chá, ^{mate} morfologicamente parecido com a segunda pessoa do imperativo do verbo matar (mate), para possibilitar diferentes interpretações semânticas, uma vez que o som de "Matte a vontade" permite entender "mate (elimine, acabe com) a vontade (o desejo)". A palavra "a" não leva o acento grave para exercer a função de artigo determinado e manter o sentido desejado "já que se fosse craseada, mudaria o sentido para "beba chá Matte à vontade", ou seja, "o quanto quiser". Quando usamos "Matte à vontade", "Matte" é substantivo e "à vontade" é advérbio. Em "Matte a vontade", "Matte" ocupa o lugar do verbo "mate" e "vontade" atua como substantivo e objeto direto, conforme a intenção da propaganda em possibilitar a leitura: "Mate a vontade de beber chá com Matte Leão".

Exemplo Abaixo da Média

a) "Matte à vontade" entende-se: o chá matte à vontade, em grande quantidade para tomar quanto deixar.
"Mate a vontade" entende-se: usar a vontade, acabar com o desejo de consumir algo.
"Mate à vontade" entende-se: matar, no sentido de tirar a vida.

b) Percebemos ambiguidade na propaganda. A palavra "matte" leva duplo sentido.

Comentários

No item a, esperava-se o reconhecimento das leituras possíveis da propaganda. É importante salientar que as instruções indicavam que se deveria partir das três frases dadas pela questão, completando-as com palavras ou expressões. Muitos candidatos ignoraram essa instrução, optando por explicar o sentido de cada uma delas. Nesse caso, as explicações, mesmo corretas, foram consideradas parcialmente.

Um outro problema bastante freqüente foram respostas com leituras não relacionadas à propaganda

como, por exemplo, “matar animais à vontade”, observado no exemplo abaixo da média. Tais ocorrências foram consideradas inadequadas e, portanto, não receberam pontuação.

Já no item **b**, era necessário que o candidato retomasse a propaganda e explicitasse seu funcionamento. O esperado para a nota completa era a explicação das três relações (morfológica, sintática e semântica) e a retomada da propaganda ou a explicitação das duas diferentes leituras (Beba chá Matte Leão à vontade e Mate a vontade de chá com Matte Leão). Essa era uma questão que mostrava a importância dessas relações em um contexto real, e não apenas como um exercício em que se pratica a análise sintática ou morfológica de maneira descontextualizada. Vários candidatos conseguiram perceber apenas uma das relações (geralmente a morfológica) ou no máximo duas. Outros não conseguiram relacionar a análise ao funcionamento da propaganda, mostrando a dificuldade de entender a linguagem em contexto e não como uma frase isolada que deve ser “decodificada”. Nesses casos, a pontuação sofreu descontos. Foram desconsideradas respostas que analisaram cada uma das três frases apontadas no item **a**, já que a questão solicitava a análise da propaganda.

2. HAGAR - Dik Browne



- a) O que produz a ironia nessa tira de Hagar?
b) Como você interpreta a resposta de Hagar, no segundo quadrinho da tira? Justifique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

A ironia é produzida pela justaposição da afirmação contundente estabelecida pela interjeição ‘claro’ com o argumento absolutamente improvável que se segue. Afinal, não são muitos aqueles que fazem parte do conjunto de pessoas passíveis de serem convidadas para jantar com o rei da Inglaterra.

b) (3 pontos)

A interpretação deve levar em conta, necessariamente, a relação entre o modalizador ‘talvez’ e a seqüência do enunciado de Hagar iniciada pela conjunção adversativa ‘mas’. Em ‘talvez’, afirma-se uma possibilidade que se confirma pela restrição estabelecida em ‘mas’, seguida de “não diga à sua mãe que eu falei isso”. Desse modo, podemos interpretar a resposta de Hagar como uma afirmação de que boas maneiras à mesa não são importantes, sem que ele diga isso diretamente, já que isso contraria o que socialmente se espera da figura paterna, assim como contraria também a posição da mãe, Helga.

Exemplo Acima da Média

a) O que produz a ironia é o fato de Hagar dar uma resposta contraditória no primeiro quadrinho, visto que ele afirma serem importantes os seus maneiras à mesa, porém sua justificativa é inviável (seu convívio com o rei da Inglaterra para jantar), portanto interpreta-se sua fala do seguinte modo: como nunca vou me jantar à mesa com o rei da Inglaterra, não são necessárias boas maneiras à mesa.

b) Eu interpreto do seguinte forma: Hagar não diz explicitamente que boas maneiras à mesa não são importantes, por isso sua resposta no 2º quadrinho é "talvez" e não "sim". Mesmo assim pode-se não comentar o que ele disse, visto que poderia ser um ~~mau exemplo~~ interpretado pelo seu pai como um mau exemplo.

Exemplo Abaixo da Média

a) A ironia é produzida pelo fato de que o filho de Hagar subentendeu que boas maneiras são necessárias apenas em ocasiões como jantar com o rei da Inglaterra, sendo dispensáveis ou não importantes no lar.

b) Hagar certamente ^{imaginava} ~~sabia~~ que a mãe do garoto ficaria zangada ao saber que ele disse ao menino que boas maneiras à mesa são necessárias pois um dia eles poderiam ser convidados a jantar com o rei, em vez de dizer que elas eram necessárias sempre.

Comentários

No item **a** da questão 2, perguntava-se o que produzia a ironia na tira de Hagar. A maioria dos candidatos percebeu que se tratava de justificar que boas maneiras eram importantes por meio de um exemplo de algo muito improvável de ocorrer (jantar com o rei da Inglaterra). Para que a resposta pudesse ser considerada completa, entretanto, o candidato teria que perceber que era a palavra "claro" que tornava a afirmativa contundente e, por ser seguida por um argumento absolutamente improvável, expunha uma contradição. Vários candidatos se perderam tentando centrar sua resposta no contexto histórico da tirinha, referindo-se à rivalidade de Hagar com o rei, ou ao fato de que Hagar é escocês e não se importa com o rei da Inglaterra, ou ainda ao fato de que hoje não existe rei, e sim rainha na Inglaterra, além de outras explicações que não justificavam a ironia.

No item **b**, era necessário interpretar a resposta de Hagar no segundo quadrinho e justificar essa interpretação. Uma resposta adequada seria dizer que embora Hagar não considerasse importante ter boas maneiras à mesa, não queria afirmar isso de forma direta (daí o uso do "talvez"), pois

não desejava que a mãe do garoto soubesse disso, uma vez que tal opinião contraria a imagem do papel de um pai estabelecida pela sociedade. Era importante, nesse caso, que o candidato mostrasse que havia uma imagem social em jogo, que podia ser do pai ou da mãe; por exemplo, que um pai não deveria dar mau exemplo ao filho, que a mãe quer ensinar bons modos ao filho, dentre outras. Muitos candidatos não perceberam a importância do modalizador na interpretação da tira, e, portanto, não receberam a nota completa. Da mesma maneira que ocorreu no item **a**, algumas respostas partiram para uma justificativa baseada no conhecimento prévio sobre as personagens, o que não era necessário para responder à questão. Muitos disseram que a mulher de Hagar iria ficar brava, que era ela quem mandava, etc, justificativas essas consideradas insuficientes para a interpretação da tira.

3. O Caderno “Aliás Debate” do Estado de S.Paulo, de 18/08/2006, apresenta uma matéria com o título: “Nas frestas e brechas da segurança”. A matéria se inicia com o seguinte trecho:

“Estamos nas frestas, procurando as brechas”. Esta boa frase, que circulou em manifesto atribuído ao PCC e ao seu líder (...), Marcola, resume bem o que pretende a organização criminosa que vem atacando a maior cidade brasileira”. (p. 2)

a) Como você interpreta ‘frestas’ e ‘brechas’ em “Estamos nas frestas, procurando as brechas”?

b) Levando em consideração que “Nas frestas e brechas da segurança” é o título da matéria, como você interpreta esse enunciado comparando-o à frase atribuída a Marcola?

Resposta Esperada

a) (3 pontos)

Nessa frase há vários sentidos coexistentes, configurando um belo jogo de significação. Podemos estabelecer diferentes relações entre ‘frestas’ e ‘brechas’, ressaltando que, embora essas duas palavras signifiquem “abertura”, ‘frestas’ está ligada ao verbo ‘estar’ e ‘brechas’ ao verbo ‘procurar’, o que reforça um sentido estático em ‘frestas’ e dinâmico em ‘brechas’. Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta que ‘procurar brechas’ é uma expressão comum, cuja interpretação está mais estabilizada no sentido de “procurar oportunidades, chances, saídas, caminhos, possibilidades”. Essa interpretação se contrapõe a ‘estar nas frestas’, expressão menos usual, que exige um investimento maior de leitura, que não pode desconsiderar o enunciador, no caso o líder do PCC. Nesse sentido, ‘estar nas frestas’ pode nos remeter a *frestas da cadeia* (estar atrás das grades), ao lado de *estar nas frestas da sociedade* (estar à margem, estar na marginalidade, estar escondido, estar à espreita, estar de prontidão). Nesse jogo, essas relações não excluem, muito pelo contrário, exploram esses diferentes sentidos, o que permite ler ‘brechas’ em referência a brechas do sistema carcerário (fuga/saída/caminhos) e, ao mesmo tempo, a brechas na sociedade (caminhos, possibilidades de se estar legitimamente na sociedade) e brechas da sociedade (pontos fracos da sociedade que podem ser atacados).

b) (2 pontos)

Títulos e manchetes, de maneira geral, interpretam a matéria jornalística. Nesse caso específico, o efeito do título sobre a frase atribuída a Marcola é justamente o de reduzi-la a uma questão de segurança, o que desloca a questão de uma reflexão de natureza social e política, colocando-a no lugar do policesco. Pode-se mencionar ainda o fato de que no título, ‘frestas’ e ‘brechas’ funcionam quase como sinônimos.

Exemplo Acima da Média

(a) "Frestas" e "brechas" do manifesto atribuído ao PCC podem ser entendidas como sendo uma organização ilegal, formada por pessoas à margem da sociedade, muitas delas presidiários, que vivem o mundo por frestas das panelas de caducas, além de criminosos que vivem escondidos; que utilizam "brechas" da polícia, ou seja, falhas na segurança da cidade, além de falhas na política pública, para manifestar seus interesses.

(b) O título da matéria atribui tanto "frestas" quanto "brechas" à segurança, sendo duas palavras sinônimas com o significado de falhas da segurança. diferentemente do sentido que Marcolá atribuiu às duas palavras, sendo "frestas" entendida como "escondidos"; "frestas"; e "brechas" as falhas.

Exemplo Abaixo da Média

(a) "Frestas" podem ser interpretado como escondidos, querendo dizer que os cidadãos estão escondidos, procurando "brechas", ou seja, procurando, esperando alguns momentos em que os ataques parem para eles poderem sair de casa.

(b) "Nas frestas e brechas da segurança" possui o mesmo sentido que a frase "Estamos nas frestas, procurando as brechas", o sentido de que estão escondidos, esperando o momento certo para agir, mas a 1ª frase é relacionada à Marcolá, ou seja, é Marcolá que diz isso. E a 2ª frase é o que a população diz.

Comentários

No item **a** da questão 3, o candidato deveria interpretar 'frestas' e 'brechas' na frase atribuída ao líder do PCC, Marcolá e, portanto, não poderia considerá-la isolada do contexto de produção e de seu enunciador. Muitos candidatos cometeram o equívoco de inverter o ponto de vista, como se fosse a população que estivesse escondida com medo dos ataques do PCC ou a polícia que estivesse à espera de algum deslize do crime organizado. Era importante também reconhecer que as duas palavras não tinham o mesmo sentido nessa frase. A interpretação esperada era a de que o crime organizado está à espreita, escondido, esperando uma oportunidade, uma chance para agir (embora outras variações possam ser consideradas, como mostramos no item "resposta esperada" acima). Embora totalmente inadequadas, merecem registro, pelo seu caráter inusitado, respostas em que a palavra 'frestas' foi interpretada como festas e 'brechas' como 'brejas' (gíria para cervejas), como se o PCC estivesse sempre em festa, tomando cerveja!

No item **b**, o que se esperava era que o candidato interpretasse o título da matéria, comparando-o à frase de Marcolá. A resposta deveria contemplar a redução de sentido que ocorre no título, que

trata 'frestas' e 'brechas' como sinônimos, trazendo as duas palavras para o âmbito da segurança. Vários candidatos não fizeram essa leitura, considerando que os sentidos de 'frestas' e 'brechas' eram os mesmos nas duas frases. Outros ignoraram que se tratava de um título de uma matéria de jornal, e atribuíram essa frase também a Marcola. Alguns, ainda, não compararam as duas frases, mencionando apenas o sentido de 'frestas' e 'brechas' no título da matéria.

4. Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal Correio Popular de Campinas, a seguinte carta:

Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana? (Carrapatos, M., M.).

a) Na carta acima, a que se refere a expressão "esses bichos"? Justifique.

b) A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. Aponte duas passagens do texto em que isso ocorre e explique.

c) Que palavra da carta justifica a referência a "saúde pública"?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Apesar de haver duas possibilidades de referência para 'esses bichos' (carrapatos-estrela e capivaras), o fato de a expressão estar precedida pelo verbo 'remanejar' e estar relacionada a uma prática de prevenção elimina a possibilidade de leitura "remanejamento de carrapatos como prevenção", levando-nos a concluir que 'esses bichos' refere-se a capivaras. Outra justificativa possível é que a referência se faz com a expressão mais próxima que, no caso, é capivaras.

b) (2 pontos)

Dentre outras possibilidades, em "moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras", não é explicitada a relação entre os carrapatos e as capivaras (sabe-se que as capivaras são hospedeiras de carrapatos-estrela transmissores da febre maculosa). Em "vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram", tanto a necessidade do laudo, quanto a causa da morte não estão explicadas. Também será aceita a indicação da passagem "não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente", conforme discutido em **a**.

c) (1 ponto)

Infestação ou prevenção.

Exemplo Acima da Média

- Ⓐ A expressão "esses bichos" refere-se a "capivaras", pois não estes os únicos animais pertencem de remanejamento mencionados no texto.
-
- Ⓑ "Li reportagem no jornal e me surpreendi": quem não leu a reportagem inicialmente não sabe tudo que trata a carta;
- "Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo", a autora não deixa claro quem vai esperar o laudo.
-
- Ⓒ É a palavra "infestação".

Exemplo Abaixo da Média

- a) A expressão "esses bichos" se refere aos carrapatos-estrela e capivaras pois estes devem ser responsáveis pela doença, segundo o autor do texto.
- b) "Gente, saúde pública é coisa séria"
"Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que eu do que as pessoas morreram."
- c) A palavra é pessoas morreram.

Comentários

O item **a** da questão 4 solicitava que o candidato indicasse a que se referia a expressão 'esses bichos' no texto e justificasse sua resposta. O referente correto é 'capivaras', já que o texto faz menção a 'remanejamento', ação possível apenas para as capivaras, e não para os carrapatos, também citados. Outra justificativa seria dizer que o termo 'capivaras' é o correto por estar mais próximo a 'esses bichos'. Tratava-se de uma questão fácil, e a maioria dos candidatos não teve problemas em responder a ela. Entretanto, muitas respostas foram consideradas incompletas, pois apenas indicaram 'capivaras' como referente sem, no entanto, justificar essa escolha. Alguns candidatos escolheram 'carrapatos' como referente, demonstrando problemas básicos de leitura. Outros não conseguiram desfazer a ambigüidade, indicando 'capivaras' e 'carrapatos' como leituras possíveis. Obviamente, em ambos os casos, as respostas tiveram nota zero.

No item **b**, o candidato deveria reconhecer duas passagens que teriam sua compreensão dificultada por conterem implícitos. Embora possa ser considerado o item mais difícil da questão, havia várias possibilidades de resposta, como mostramos no item “resposta esperada” acima. Alguns candidatos se limitaram a indicar as passagens, sem explicar o problema, o que não foi considerado adequado, já que o foco eram os implícitos.

Já o item **c** solicitava a indicação da palavra que justificaria o uso da expressão ‘saúde pública’. A resposta correta seria ‘infestação’ ou ‘prevenção’. Apesar de ser um item bastante simples, foi surpreendente o número de respostas que incluíram outras possibilidades, tendo sido ‘laudo’ e ‘morreram’ as mais comuns. Entretanto, houve inúmeras outras respostas que mencionaram praticamente todas as palavras do texto, e até mesmo expressões ou frases inteiras que nada tinham a ver com a questão.

5. Em 26 de outubro de 2006, um jornal de S.Paulo veiculou a seguinte propaganda:
“Se no Brasil ninguém paga caro por mentir, por que você vai pagar caro pela verdade?
Assine o Jornal X a partir de R\$ XX,XX.”

- a) A propaganda explora dois sentidos de “pagar caro”. Quais?
- b) A propaganda procura construir certas imagens para o jornal. Quais?
- c) Para construir essas imagens, a propaganda torna natural uma imagem estereotipada do Brasil. Comente a importância da construção sintática “se (...), por que (...)” e do pronome “ninguém” nesse processo.

Resposta Esperada

a) **(1 ponto)**

Os sentidos de “pagar caro” são: “ter um custo moral alto” e “ter um custo material alto, exigir grandes despesas ou ser dispendioso”.

b) **(2 pontos)**

Jornal isento, correto, ético, confiável; e jornal barato, de baixo custo financeiro, de baixo valor monetário.

c) **(2 pontos)**

Nessa propaganda, tanto a construção sintática “se (...) por que (...)” quanto o pronome “ninguém” generalizam a relação entre o Brasil e a impunidade pela mentira. A construção “se (...) por que (...)” estabelece uma relação lógica e necessária do tipo “todo aquele que X, então Y”, nesse caso específico, “todo aquele que mentir não pagará caro por isso”, e o pronome ‘ninguém’ estabelece um conjunto irrestrito do qual nenhum brasileiro escapa. Dessa forma, a propaganda, ao valorizar a possibilidade de alguns (“você”) não pagarem caro pelo jornal (porque, segundo a propaganda, ninguém paga caro por mentir), banaliza a impunidade no Brasil e deixa de discutir a especificidade de um problema de fundamental importância para a sociedade brasileira.

Exemplo Acima da Média

- a) A propaganda explora o sentido de ser punido (por mentir) e de gastar uma alta quantia em dinheiro.
- b) A propaganda constrói a imagem de que o jornal tem compromisso com a verdade e o perfil de denunciar, além de um preço baixo.
- c) O pronome "ninguém" generaliza a ideia de impunidade, estendendo-a para todos os brasileiros. Ao utilizar a construção "se (...), por que (...)", a propaganda torna essa ~~essa~~ visão generalizada da impunidade algo ~~o~~ natural e coerente que culmina no questionamento "... por que você vai pagar caro pela verdade?", dando a ideia de também generalizar o interlocutor na naturalidade de não pagar caro, mas de na vez pela verdade.

Exemplo Abaixo da Média

- a) "Pagar caro" tem o sentido de pagar um alto valor e o sentido de responder pelos seus atos.
- b) A propaganda procura construir a imagem de que mesmo que se lê no jornal a verdade porque ninguém diz só a verdade.
- c) Essa construção sintática representa o Brasil, pois aqui tudo é à base de condições. E o pronome "ninguém" quis representar toda a população, mesmo aqueles que deveriam falar a verdade pela função que exercem no país.

Comentários

O item **a** solicitava a explicitação dos dois sentidos da expressão 'pagar caro' na propaganda. Era uma pergunta simples, de resposta também simples, que teve muitos acertos: 'pagar caro' no sentido de sofrer punição por algum erro, ou gastar uma grande soma de dinheiro para adquirir algo. Respostas que mencionavam 'alto custo' ou 'alto valor' e que podiam se referir tanto ao aspecto moral quanto ao financeiro mantiveram a ambigüidade da expressão e, portanto, não foram consideradas adequadas.

Já no item **b** perguntava-se quais seriam as imagens que a propaganda construía para o jornal em questão. Uma seria a imagem de um jornal que diz a verdade, enquanto a outra seria a de um jornal barato, de baixo valor monetário. Vários candidatos deram respostas que consideravam o contexto brasileiro e a situação política do país de forma mais ampla, esquecendo-se que a pergunta focalizava as imagens do jornal, conforme ilustra o exemplo abaixo da média.

O item **c**, por sua vez, reconhecendo que a propaganda faz uso de uma imagem estereotipada do Brasil, para construir as imagens do jornal, perguntava qual era a importância da construção 'se (...), por que (...)' e do pronome 'ninguém' nesse processo. O candidato deveria perceber que SE ninguém paga caro por mentir POR QUE pagar caro pela verdade? O uso de 'ninguém' é importante, pois generaliza/naturaliza o fato de que não há quem pague caro por mentir, tornando natural então a conclusão de que não há porque pagar caro pela verdade. Alguns candidatos explicaram apenas a função da construção sintática, e outros apenas a do pronome 'ninguém' (caso mais comum). Ambas as respostas foram consideradas incompletas. Outros ainda se restringiram a fazer considerações gramaticais sobre os termos, tratando-os de forma descontextualizada, sem relacioná-los à propaganda, o que também foi considerado inadequado. Foram comuns respostas que afirmavam que o pronome 'ninguém' generaliza, sem dizer o que estava sendo generalizado.

6. O trecho abaixo (texto 1), extraído de um artigo publicado no caderno "VIDA&" do Estado de S.Paulo, de 18 de agosto de 2006, aborda uma questão polêmica relacionada à ética médica. Esse artigo inclui dois excertos: um do Código de Ética Médica (texto 2) e uma Resolução do Conselho Federal de Medicina (texto 3).

Texto 1

"(...) médicos de todo o País distribuem aos pacientes cupons que dão descontos na compra de produtos farmacêuticos. Os cupons são feitos pelos próprios laboratórios.

A (empresa X), por exemplo, distribui cupons que dão 80% de desconto na compra de uma loção cicatrizante. A (empresa Y) criou um cartão de fidelidade que garante descontos de até 50% na compra de medicamentos para doenças crônicas, como diabetes e asma. Os dois laboratórios firmaram convênios com diversas farmácias no Brasil. (...)

O cupom da empresa X, por exemplo, não tem valor sem o carimbo, a assinatura e o registro do médico no Conselho de Medicina. No caso da empresa Y, o cartão definitivo só é dado depois que o médico fornece ao cliente um provisório. (...)

O que dizem as normas

- (Texto 2) Código de Ética Médica: O artigo 98 afirma que é vedado ao médico "exercer a profissão com interação ou dependência de farmácia, laboratório ou qualquer organização destinada à fabricação, manipulação ou comercialização de produtos de prescrição médica de qualquer natureza (...)".
- (Texto 3) Resolução 1595 do Conselho Federal de Medicina: Considerando que "o trabalho do médico não pode ser explorado por terceiros com objetivo de lucro", o CFM proíbe "a vinculação da prescrição médica ao recebimento de vantagens materiais oferecidas por agentes econômicos interessados na (...) comercialização de produtos farmacêuticos ou equipamentos de uso na área médica".

a) As posições expressas nos textos 2 e 3 são semelhantes? Responda sim ou não e justifique.

b) A situação descrita no texto 1 fere as normas apresentadas nos textos 2 e 3? Responda sim ou não e justifique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Sim. Nos dois textos fica expressa uma preocupação de regular, do ponto de vista ético, a conduta médica. O candidato poderá complementar sua resposta mencionando que o texto três especifica a proibição do recebimento de vantagens materiais na prescrição médica.

b) (3 pontos)

Sim. No texto 1 são apresentadas práticas médicas intermediadas por farmácias ou laboratórios: distribuir aos pacientes cupons que garantem descontos, desde que assinados e carimbados pelo médico; fornecer cartões de fidelidade provisórios que garantem descontos. Essas duas práticas ferem as normas estabelecidas nos textos 2 e 3.

Exemplo Acima da Média

- a) As posições dos textos 2 e 3 são semelhantes pois ~~ambos~~ ambas citam que não pode haver "interação" ou "vinculação" do ofício médico com empresas ou agentes ligados a fabricação, distribuição ou comercialização de produtos farmacêuticos ou equipamentos de uso na área médica.
- b) Sem, a situação apresentada no texto 1 fere as posições dos textos 2 e 3, ao mostrar que médicos receitam medicamentos ou produtos farmacêuticos com desconto aos seus pacientes, subentende-se que os laboratórios atuam junto aos médicos e às farmácias fere tanto o Código de Ética Médica, pois há interação entre farmácia, médico e laboratório, quanto a Resolução 1595 do Conselho Federal de Medicina, pois, um terceiro, no caso o laboratório, está explorando o trabalho médico, com objetivo de lucro, ao emitir cupons com desconto e ~~incumbir~~ incumbir o médico de distribuir aos pacientes.

Exemplo Abaixo da Média

- a) sim. Pois ambos os textos se opõem ao fato mostrado no texto 1
- b) Sim. Pois pela situação descrita no texto 1 o médico se relaciona de forma ilegal de acordo com os textos 2 e 3

Comentários

No item **a**, o candidato deveria responder que as posições expressas nos textos 2 e 3 eram semelhantes e justificar sua resposta. A resposta adequada era dizer que sim, os textos tinham posições parecidas, pois ambos proibiam a interação entre médicos e agentes farmacêuticos (indústrias, farmácias, etc) sem, no entanto, serem idênticas, uma vez que o texto 3 faz uma referência explícita à proibição de lucro, que não está presente no texto 2. Portanto, respostas que afirmavam que os dois textos proibiam os médicos de obterem lucro perderam pontos. Também não bastava dizer que os textos tinham posições parecidas porque tratavam do mesmo assunto, sem maiores justificativas, como mostra o exemplo abaixo da média. Já as respostas que afirmavam não terem os textos posições semelhantes foram totalmente desconsideradas.

Já no item **b** perguntava-se se a posição expressa no texto 1 era contrária àquela dos textos 2 e 3, tendo o candidato, mais uma vez, que justificar sua resposta. Para obter a nota completa, o candidato deveria responder que sim, explicitando que a distribuição de cupons de descontos fornecidos pelos médicos (texto 1) feria as normas dos textos 2 e 3, contrárias à vinculação de médicos a indústrias farmacêuticas. Respostas que apenas descreviam o texto 1 ou que apenas citavam a violação das normas dos textos 2 e 3 foram consideradas incompletas. Aquelas que afirmavam que a posição do texto 1 não era contrária à dos dois outros textos foram totalmente desconsideradas.

7. O trecho abaixo foi extraído de *Iracema*. Ele reproduz a reação e as últimas palavras de Batuiretê antes de morrer:

“O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.”

(José de Alencar, *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965, p. 171-172.)

a) Quem é Batuiretê?

b) Identifique os personagens a quem ele se dirige e indique os papéis que desempenham no romance.

c) Explique o sentido da metáfora empregada por Batuiretê em sua fala.

Resposta Esperada

a) (1 ponto)

Batuiretê era o líder dos potiguaras (pitiguaras). Fora grande guerreiro, mas, nessa cena do romance, já se mostrava impossibilitado de continuar a guerrear, em razão de sua idade avançada. Torna-se, entretanto, uma espécie de conselheiro, sábio ou, melhor, oráculo de guerra para os de sua tribo. Daí o significado do outro nome tupi com que o personagem é denominado: Maranguab, que, nas palavras do neto Poti (nesse mesmo capítulo), significa “o grande sabedor da guerra”.

b) (2 pontos)

De acordo com o excerto, Batuiretê se dirige ao “neto” e ao “estrangeiro”, sendo o primeiro Poti e o segundo, Martim Soares Moreno. Poti é um dos valorosos guerreiros da tribo potiguara, aliada dos portugueses. Essa aliança aparece bem representada pela amizade que une Poti e Martim (guerreiro já no nome, derivado de Marte), por quem se apaixona a heroína da história, a virgem de Tupã, paixão que será desencadeadora dos conflitos travados no romance entre potiguaras e tabajaras (povo a que pertence *Iracema*, como uma espécie de sacerdotisa da tribo).

c) (2 pontos)

A metáfora “gavião branco junto da narceja” é empregada de modo a profetizar a destruição dos índios que será promovida pelo estrangeiro, colonizador. Em nota ao romance, o próprio autor-narrador trata de esclarecer que o *gavião* se refere ao homem branco, Martim, e a *narceja* (espécie de ave típica do continente sul-americano), ao índio Poti. Por meio da relação predatória entre a ave de rapina e sua presa, a imagem metafórica busca simbolizar a dominação e posterior destruição da população indígena pelo colonizador.

Exemplo Acima da Média

a-) Batuiretê é um velho índio, avô de Poti, grande amigo e fiel companheiro de Martim. Vive sozinho e recluso.

b-) Batuiretê se dirige a Poti (seu neto) e Martim (amigo de Poti).

Poti é o jovem, fiel e valente guerreiro pitiguara que sempre está ao lado de seu amigo português Martim. Representa a amizade e a lealdade no livro.

Martim é o belo e heróico "guerreiro" português. Homem branco que vai para o Ceará e lá torna-se amigo da tribo dos pitiguaras, mas que acaba se apaixonando por Iracema, jovem índia tabajara (tribo inimiga dos pitiguaras). Ele representa no romance a coragem, a nobreza, a beleza e a honestidade.

c-) Batuiretê ao falar ~~o~~ "o gavião branco junto da marceja" já "previa" o que iria acontecer alegoricamente aos índios em geral e ao Brasil mais especificamente. O gavião branco, ou seja, Martim ~~está~~ estava junto da marceja (Poti). Da união de um animal forte como o gavião com a frágil e débil marceja é de se supor que esta acabará arrasada e devorada por aquele. Assim Batuiretê fala através de metáforas que o europeu (gavião branco) está prestes a dominar a América (marceja).

Exemplo Abaixo da Média

A) Batuiretê é avô do filho de Iracema (a índia das 'lábias de mel') com o branco europeu vindo de fora das matas, na qual se desenvolve o enredo.

b) - filho de Iracema = resultado da paixão entre a índia e o branco, de uma tradição quebrada.

- branco estrangeiro = Martim, guerreiro branco que se aventura e descobria as matas, conhece a jovem e bela Iracema, a qual se encanta.

- Tupã = deus indígena.

c) A metáfora empregada por Batuiretê é referente à relação existente entre a índia e o estrangeiro branco - relação amorosa na qual nasce uma criança - que, no entanto, acaba por não surgir em 'final feliz', no caso que o branco vai embora e deixa a índia Iracema (esta definhando infeliz até os seus últimos dias, cumprindo seu destino quando quebrou a tradição dos seus).

Comentários

Como em anos anteriores, as questões de literatura, de um modo geral, exigem a leitura das obras indicadas e não podem ser resolvidas a partir da leitura apenas de resumos, já

que muitos deles sintetizam o enredo de forma que o candidato não consegue localizar na obra os trechos citados nas questões. Isso fica evidente nessa questão, em que muitos candidatos responderam erroneamente, no item **a**, que Batuiretê era o pai de Iracema, quando na verdade era o líder dos potiguaras (pitiguaras), tribo indígena rival de Iracema. Respostas que indicavam que Batuiretê era o avô de Poti, entretanto, foram aceitas, pois o que se desejava avaliar era a capacidade do candidato de reconhecer uma característica dessa personagem dentro da obra de José de Alencar.

Para receber os pontos totais do item **b**, o candidato deveria indicar os personagens, ou seja, Poti e Martins, assim como seus respectivos papéis no romance. O primeiro, o 'neto', indicado no trecho apresentado na prova, é a representação do índio guerreiro e da aliança/amizade entre índios e portugueses; o segundo, um guerreiro português que representa o colonizador, a coragem ou o desbravamento. Nesse item, muitos candidatos identificaram incorretamente os personagens como Iracema e o "neto", Moacir – filho de Martins e Iracema. Essa interpretação foi comum porque os candidatos indicaram no item **a** que Batuiretê era o pai de Iracema, logo, o "neto" só poderia ser Moacir.

No item **c**, o candidato deveria explicar o sentido da metáfora "o gavião branco junto da narceja". Para isso, deveria dizer que o gavião branco era Martins e que a narceja era Poti. Havia, no entanto, duas possibilidades de explicação da metáfora: a primeira, que levava em conta a força e o tamanho das aves, ou seja, uma relação predatória entre a ave de rapina (gavião) e a ave frágil (narceja); e a segunda, que considerava a profecia que Batuiretê fez, através de Tupã, a respeito do domínio do homem branco (gavião) sobre a população indígena (narceja). Nesse item, alguns candidatos mencionaram que a metáfora representaria Martins e Iracema, já que é ela a personagem que dá título ao romance e que mantém uma relação de subalternidade com relação a Martins, decidindo abandonar sua tribo para seguir a jornada de seu amado. Isso ocorre no exemplo abaixo da média.

8. Leia a passagem abaixo de Dom Casmurro:

"Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café."
(Machado de Assis, Dom Casmurro, em *Obra Completa*. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p.936.)

a) Explique o "primeiro ímpeto" mencionado pelo narrador.

b) Por que o narrador admite que seu "segundo impulso" foi criminoso?

c) O episódio da xícara de café está diretamente relacionado com a redação do livro de memórias de Bento Santiago. Por quê?

Resposta Esperada

a) (1 ponto)

O "primeiro ímpeto" mencionado pelo narrador diz respeito ao seu desejo de beber o café envenenado, cometendo assim um suicídio. A vontade de pôr fim à vida é motivada pela suspeita que Bento Santiago alimentava sobre a traição de sua esposa Capitu.

b) (2 pontos)

O "segundo impulso" mencionado refere-se à intenção de matar Ezequiel, oferecendo-lhe o café envenenado. O ato é tido como criminoso pelo próprio narrador, que indica ter desistido do suicídio ao considerar a possibilidade de assassinar o menino, movido pela suspeita de que não fosse seu filho e sim filho do falecido amigo, Escobar.

c) (2 pontos)

No início do trecho citado, o narrador sugere que aquele encontro com Ezequiel alterou sua determinação de cometer o suicídio e, em certa medida, motivou, mais tarde, a redação do livro de

memórias, com o qual pretendia "atar as duas pontas da vida". Nesse sentido, o episódio da xícara de café, como um flagrante da hesitação da personagem, mobilizada pelo impulso de cometer um suicídio ou um homicídio, concentra os elementos constitutivos do conflito central das memórias de D. Casmurro. Em seu livro, Bento Santiago, um homem já maduro e fechado em si mesmo, debruça-se sobre os momentos decisivos de sua vida amorosa e familiar na tentativa de recuperar e explicar o tempo passado. No horizonte da cena narrada está o sentimento de felicidade perdida, a suspeita da traição, a desconfiança em relação à paternidade de Ezequiel, o ciúme incontido e a oscilação característica do narrador protagonista.

Exemplo Acima da Média

a) O "primeiro ímpeto" mencionado pelo autor foi o suicídio, pois ele sabia que o café estava envenenado e a primeira ideia que lhe ocorreu foi tomar o café.

b) O narrador admite que seu segundo impulso foi criminoso porque ele, sabendo que o café continha veneno, perguntou ao menino se ele já tinha tomado café com a intenção de efetuar ~~o~~ caso dissesse que não. ~~Por isso o primeiro~~

c) Os impulsos de tomar o café e de efetuar o café envenenado ao menino que o narrador teve ~~foram~~ foram ideias para acabar com a angústia vivida por esse narrador pelo fato de não saber se Kapitu, sua mulher, havia traído-o com seu melhor amigo. O narrador, Bento Santiago, no episódio do café pensa em se matar para pôr fim à dúvida ou pensar em matar o menino, que poderia ser a prova viva da suposta traição de Kapitu. A obra remonta toda a sua história com Kapitu desde a infância como forma de análise dos fatos na tentativa de descobrir se ela realmente o traiu ou não. Por isso esse episódio está relacionado à redação do livro.

Exemplo Abaixo da Média

- a) O "primeiro ímpeto" foi tentar fugir de Ezequiel, pois Ezequiel, para Bentinho, fruto da traição de seu amigo Escobar e sua esposa Capitu.
- b) Porque, mesmo o garoto procurando o carimbo de seu pai, Bentinho o ignorava-o, interrompendo seu carimbo com uma pergunta fã: se o garoto já havia tomado café.
- c) Porque mostra a frustração de Bentinho em desconfiar que sua esposa Capitu o traía com seu melhor amigo Escobar. Para Bentinho, que nesse excerto ignora o garoto ~~Escobar~~ Ezequiel não é seu filho e assim passa a rejeitá-lo juntamente com sua esposa.

Comentários

Dentre as questões de literatura, esta foi a mais respondida, embora fosse necessária a leitura da obra para responder adequadamente a todos os itens. Estes foram centrados no capítulo "A xícara de café", importante para o desenrolar do enredo, cuja explicação foi exigida no item **c**.

No item **a**, o candidato deveria explicar que o "primeiro ímpeto" mencionado pelo narrador era o de beber o café envenenado e cometer suicídio. Essa vontade ficou muito mais intensa depois de Bentinho, no capítulo anterior, ter assistido à peça teatral "Otelo", cujo adágio é a traição, na medida em que suspeitava da traição de Capitu. Alguns candidatos explicaram equivocadamente que o "primeiro ímpeto" foi, literalmente, o primeiro impulso, ou seja, a primeira reação; sem identificar qual seria. Outros responderam que se tratava da reação de fugir de Ezequiel, por este ser o provável fruto do adultério de Capitu. Nesses casos, as respostas não foram aceitas.

No item **b**, era necessário explicar que o "segundo impulso" foi criminoso porque Bento Santiago decide oferecer a Ezequiel a xícara de café envenenada, que a princípio era para seu suicídio, caracterizando, assim, uma tentativa de assassinato. Algumas respostas enfatizaram apenas a tentativa de assassinato sem mencionar que o café estava envenenado. Nesses casos, o candidato não obteve os pontos totais do item.

Para responder ao item **c**, o candidato deveria relacionar o episódio da xícara de café à redação do livro de memórias. Esse é o capítulo em que se revela o ápice dos tormentos do narrador-protagonista, que quase o levaram a dar fim à sua vida e a assassinar Ezequiel. O encontro com Ezequiel, entretanto, modificou o plano de Bento Santiago de assassiná-lo ou de cometer suicídio, impulsionando-o, mais tarde, a escrever um livro de memórias. O livro seria uma forma de "atar as duas pontas da vida", lembrando passo a passo a relação amorosa com Capitu na tentativa de recuperar indícios da traição de sua esposa com seu melhor amigo, Escobar, e também a felicidade perdida.

9. O poema abaixo pertence ao livro *A rosa do povo* (1945):

Cidade prevista
Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.

(Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*, em *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p.158-159.)

- a) A quem se dirige o eu lírico e com que finalidade?
- b) A que “cidade” se refere o título do poema e como ela é representada?
- c) Que características centrais de *A Rosa do Povo* se encontram nesse poema?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O eu lírico dirige-se aos poetas, considerando-os como irmãos, portanto como iguais e solidários. A finalidade do chamamento é que os poetas se identifiquem com a causa ou abracem o ideal por ele defendido e se unam no sonho de uma sociedade futura representada pela *cidade do amanhã*. Cidade essa que nenhum deles provavelmente chegará a conhecer em vida, mas que nem por isso deverão deixar de acalentar como utopia, em benefício dos que virão.

b) (2 pontos)

A cidade corresponde à utopia de um novo mundo social. Trata-se de uma cidade ideal, sem lugar específico, que não existe senão como sonho, imaginação utópica. Tal cidade representa um mundo mais justo, sem leis opressoras; uma nova ordem social, mais igualitária e que respeita as particularidades dos indivíduos, com suas crenças, valores pessoais e idiosincrasias. Em tese, o poema trata de um socialismo universal, sem pátria, sem guerra, sem nação. O sonho de uma ordem igualitária, sem propriedade privada, descarta ainda os horrores do modelo soviético stalinista, no que se refere ao autoritarismo e à supressão da autonomia individual.

c) (1 ponto)

O poema selecionado alimenta-se de um assunto de alcance social, tendo uma dimensão quase épica, e não da matéria lírica por excelência (a subjetividade). Está alinhado com a poética social de *A Rosa do Povo*, que atesta o engajamento político de Drummond nos anos de 1940. Nessa fase, o poeta acalentou abertamente o ideal socialista, chegando mesmo a militar no partido comunista, ao mesmo tempo em que fazia uma poesia de resistência contra o autoritarismo do Estado Novo, os horrores da Segunda Guerra e o pesadelo do nazifascismo. As características dessa poética social encontram-se na consciência crítica em relação ao momento político, na recusa ao sistema capitalista, no otimismo em relação à utopia socialista e na crença da construção de uma sociedade futura.

Exemplo Acima da Média

- a) O eu lírico dirige-se aos irmãos (poetas) do autor, que pede para que eles cantem o mundo ideal que ele não vê, mas virá.
- b) A cidade a que se refere o título é a cidade única que, para o poeta, haverá no futuro. Ela é toda idealizada e é representada sem fronteiras, leis, regulamentos, igrejas (representando a religião), quartéis (indicando as forças armadas), dor, febre e nem ouro (as riquezas, dinheiro). Nesta cidade mundial, ordenada, só haverá um jeito de viver, mas caberá a multiplicidade de todos. Será um mundo de riso e glória, onde as casas serão sem portas e nem armadilhas. Uma cidade enfim utópica como o socialismo defendido por Drummond.
- c) Diversas características do livro estão presentes no poema: o tema da 2ª Guerra Mundial, a crítica aos governos autoritários ("sem quartéis") e ao capitalismo ("sem ouro"), a esperança de um mundo melhor e mais justo ("um mundo enfim ordenado") e a exaltação do socialismo utópico ("uma terra sem bandeiras", "uma pátria sem fronteiras", "cidade sem portas"), além da perfeição formal (preocupação com a forma) e outras características.

Exemplo Abaixo da Média

- a) O eu-lírico se dirige a burguesia, aos capitalistas e instituições do governo com a finalidade de expor uma crítica sobre a situação e o regime imposto pelo país.
- b) A "cidade" referida no título é todo lugar que há um regime e um governo atuante, não há em sua obra um local demarcado para suas críticas. Ela é representada como um país, toda uma nação onde há fronteiras, leis, regulamentos e etc.
- c) Características de seu crítico em relação ao Estado, esse amor deve-se também a época em que a obra foi escrita. 1945, que significa um período pós-2ª Guerra Mundial.

Comentários

Como em anos anteriores, a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa solicitou ao candidato a interpretação de poemas. O diferencial neste ano foi a presença de dois livros de poesia: *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade e *Poemas completos de Alberto Caetano*, de Fernando Pessoa. Essa questão contempla o poema de Drummond "Cidade Prevista". O item a é subdividido em duas partes: a primeira, a quem o eu lírico se dirige; e a segunda, com que finalidade. Portanto, o candidato deveria responder que o eu lírico se dirige aos poetas ("Este país

não é meu/ nem vosso ainda, **poetas**”), considerados seus irmãos (“**Irmãos**, cantai esse mundo”), com a finalidade de se unirem para cantar (fazer versos/conclamar) num mundo ideal. Ou seja, o eu lírico convoca outros poetas para que, através de um mesmo ideal de luta, defendam o sonho de um mundo ideal, utópico ou perfeito. Muitos candidatos responderam, de forma equivocada, que o eu-lírico se refere aos “irmãos”, sem relacioná-los aos “poetas”, o que não foi aceito. Também foram consideradas incorretas respostas semelhantes ao exemplo abaixo da média apresentado, além de outras, que indicavam tratar-se de um lugar com fronteiras, leis e regimentos, exatamente o contrário da resposta esperada.

O item **b** também tem duas partes. Para receber os pontos totais nesse item, o candidato deveria indicar que a “cidade” a que se refere o poema é uma cidade utópica (um novo mundo social, um lugar ideal), embora não um lugar específico como Stalingrado, Rio de Janeiro ou Itabira, como alguns candidatos erroneamente indicaram; e que é um local justo (“uma pátria sem fronteiras”, “uma terra sem bandeiras”, “sem dor, sem febre, sem ouro”) e mais igualitária (“Uma cidade sem portas/ de casas sem armadilhas”). Para responder à segunda parte desse item, os candidatos deveriam citar os versos em que as características da *Cidade Prevista* aparecem.

Para responder ao item **c**, era necessário conhecer algumas características da obra de Drumond. *A Rosa do Povo*, particularmente, destaca-se por manifestar o ideal socialista do autor. Assim, os candidatos poderiam ter citado como características o engajamento social, socialismo, combate ao autoritarismo, recusa ao sistema capitalista, crítica social, pensamento político, dentre outras. Nota-se que a pergunta exigia ‘características’, ou seja, o candidato deveria citar mais de uma. Os candidatos que não cumpriram essa tarefa receberam nota 0 nesse item.

10. Leia a seguinte passagem de “A hora e a vez de Augusto Matraga”:

“O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estádão. Mas, ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro.

Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego, sem espingarda nenhuma e nem nenhuma arma para caçar; e, de tardinha, fazendo parte com as velhas corocas que rezavam o terço ou os meses dos santos. Mas fugia às léguas de viola ou sanfona, ou de qualquer outra qualidade de música que escuma tristezas no coração.”

(João Guimarães Rosa, “A hora e a vez de Augusto Matraga”, em Sagarana. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984, p.359.)

a) Identifique o casal que vive junto com o protagonista da narrativa.

b) Explique o comportamento do protagonista no trecho acima, confrontando-o com sua trajetória de vida.

c) O que há de contraditório no descanso dominical a que o narrador se refere?

Resposta Esperada

a) (1 ponto)

Os negros mencionados na cena transcrita são a mãe Quitéria e o pai Serapião. Ambos cuidam de Nhô Augusto depois de tê-lo recolhido no despenhadeiro em que se lançou para não ser morto de vez por seus ex-capangas, que passaram a trabalhar para o Major Consilva, em troca de melhor paga. Em reconhecimento pelos cuidados e pela dedicação de seus protetores (reconhecidos como “pais” do protagonista), Nhô Augusto leva-os para morar com ele no povoado do Tombador, onde se situa a única propriedade (bastante pobre) que lhe restou. Nota-se uma ironia no fato de a personagem, racista e preconceituosa durante toda a vida, ter sido salva por um casal de negros ex-escravos.

b) (2 pontos)

O comportamento presente corresponde a uma segunda etapa na trajetória de vida de Nhô Augusto, em que ele busca purgar os excessos e culpas da vida devassa, marcada de abusos e injustiças para com os outros. Depois de salvo por mãe Quitéria, Matraga decide abandonar a vida boêmia do passado e dedicar-se ao trabalho, penitenciando-se pelos erros e vícios anteriores. O comportamento atual contrapõe-se às ações anteriores, marcadas pela violência, pela maldade e pelos preconceitos.

c) (2 pontos)

A contradição se expressa no fato de que a forma de descanso do protagonista se faz por meio da

ação contínua de trabalhos pesados e de orações. O descanso dominical, que deveria marcar uma diferença em relação aos dias da semana pela meditação, pelo tempo dedicado ao espírito e às orações, nesse caso, não difere das atividades diárias, já que é exercido pela ação física constante. Em outras palavras, o descanso não é usufruído como paz espiritual, mas sim como ação e esforço físico.

Exemplo Acima da Média

a) O casal que vive junto com o protagonista, ~~for~~ é o casal de negros idosos, D. Quitéria e Serapião, que encontrou Augusto Matraga caído por rolar por um barranco e ter sido espancado pelos seus antigos "copan-gas", com panheiros, agora a mando de seu inimigo Saleiros "adotou-o" e este passou a chamá-los de pai e mãe.

b) O comportamento explicitado no texto é um comportamento altruísta de muito trabalho, sem armas e com regras. Este comportamento confronta-se com seu antigo modo de vida em que a personagem era má, maltratava esposa (Queneta) e filha (Trumita), bebia muito, usava-se de armas entre outras coisas que foram mudados devido a seu arrependimento ante os inúmeros machucados e requeles que teve Augusto Matraga após ter sido espancado. Como a personagem afirma de conhecido o inferno gozou a vida dos modelos descontentes de espancamento almeja o céu agora ~~me~~ "nesta se foi a ponte" e muda todo seu modo de agir por seu objetivo.

c) O fato de Augusto Matraga trabalhar o dia inteiro no domingo de descanso apresenta uma contradição que pode ser explicada pelas mudanças na vida da personagem ~~em~~ em que trabalha muito e ~~sempre~~ sempre que possível buscando o céu.

Exemplo Abaixo da Média

- a) O casal de pretos, que mandava e desmandava na casa, não trabalhava nada e vivendo no estadeão.
- b) No trecho acima mostra um determinado desabafo, crítica ao casal, porém Augusto Matraga levava vida mansa semelhante a eles.
- c) O fato do protagonista fugir na noite do Domingo para não ouvir músicas que trazem tristezas ao coração dele.

Comentários

Para responder ao item **a**, não era necessário saber os nomes dos personagens Mãe Quitéria e Pai Serapião, mas apenas que se tratava do casal de negros que socorreu Nhô Augusto (Augusto Matraga) no despenhadeiro do qual caiu, depois de tomar uma sova de seus próprios capangas. Como sinal de agradecimento, Matraga leva o casal para morar com ele na única propriedade que lhe restara. Algumas respostas indicaram, erroneamente, que se tratava de um casal de escravos que trabalhava para Augusto Matraga, e, portanto, não receberam pontos.

No item **b**, o candidato deveria explicar que Matraga sempre se comportou de maneira truculenta, preconceituosa e vil, mas ao ser salvo pelo casal Quitéria e Serapião, passou a se comportar com humildade, caridade, dedicando-se ao trabalho como forma de expiar todo o mal que cometeu, abandonando, assim, seus vícios e seu comportamento anterior. Os candidatos somente receberam os pontos totais do item quando indicaram que o comportamento passado de Augusto Matraga se contrapunha ao seu comportamento presente.

O item **c** foi, dentre os itens da questão, o que teve o maior número de respostas, pois podia ser respondido a partir do trecho apresentado na prova. Para obter os dois pontos válidos, era necessário que o candidato apontasse a contradição no texto e explicasse seu motivo. Em outras palavras, deveria dizer que a contradição ocorre porque o descanso se dá em forma de trabalho e de orações, e explicar que a razão para que isso ocorra é que Matraga quer se penitenciar de todos os males que cometeu, para ir para o céu ao morrer, já que sempre dizia: "para o céu eu vou, nem que seja a porrete".

11. Leia o diálogo abaixo, de Auto da Barca do Inferno:

DIABO
Cavaleiros, vós passais
e não perguntais onde is?

CAVALEIRO
Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais!

OUTRO CAVALEIRO
Vós que nos demandais?
Si quer conhecê-nos bem.
Morremos nas partes d'almém,
e não queirais saber mais.

(Gil Vicente, Auto da Barca do Inferno, em Antologia do Teatro de Gil Vicente. Org. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Brasília: INL, 1984, p.89.)

- a) Por que o cavaleiro chama a atenção do Diabo?
- b) Onde e como morreram os dois Cavaleiros?
- c) Por que os dois passam pelo Diabo sem se dirigir a ele?

Resposta Esperada

a) (1 ponto)

O primeiro cavaleiro repreende o Diabo por lhe dirigir a palavra. Sendo um nobre religioso e distinto, que participou das Cruzadas, considera um atrevimento, um desrespeito o Diabo ter-lhe dirigido a palavra, como se fora um homem comum, na tentativa de atraí-lo para sua Barca. Na posição de nobre, o cavaleiro de Cristo repreende o Diabo por este não saber a quem estava se dirigindo.

b) (2 pontos)

Os dois Cavaleiros morreram em "partes d'almém", terras distantes da África ou do Oriente, enquanto lutavam pela reconquista de Jerusalém. Os cavaleiros participaram das Cruzadas promovidas pela Igreja Católica contra os infiéis e, portanto, morreram nos campos de batalha, em nome de Cristo e em defesa da fé cristã.

c) (2 pontos)

Ambos os cavaleiros de Cristo passam pelo Diabo, sem se dirigir à sua Barca, porque têm a certeza da salvação, ou seja, sabem que têm seu lugar assegurado na Barca do Anjo. Sabem que estão livres da condenação ao Inferno, pois dedicaram a vida à Igreja, morrendo em nome da fé.

Exemplo Acima da Média

- a) Porque o cavaleiro é um representante de Deus, era um cruzado e, portanto, merecedor de respeito e ~~que~~ com quem se deve saber falar, a quem se deve saber dirigir corretamente. E o Diabo não o faz, ele interpela os cavaleiros como se eles fossem quaisquer uns.
- b) Os dois cavaleiros morreram nas "terras sagradas", onde Jesus ~~morou~~ fez sua história (Jerusalém, provavelmente). Eles morreram nas Cruzadas, lutando para tirar das "terras santas" os infiéis, ou seja, eles morreram a serviço de Deus, lutando por ele, defendendo suas terras e propagando sua fé.
- c) Os dois passam pelo Diabo sem se dirigir a ele porque não o consideraram digno, não ~~o~~ consideraram que ele mereça uma palavra de ~~o~~ das senhas do senhor, de duas pessoas que morreram pela fé. Além disso, como morreram nas terras santas e lutando pelo senhor, já sabem para onde se dirigir, sabem que possuem um lugar no paraíso.

Exemplo Abaixo da Média

- a) Porque o cavaleiro passa pela barca do diabo sem nem perguntar para onde aquela barca está indo. Uma vez que todos que por ali passaram perguntaram.
- b) Os dois cavaleiros morreram em uma parsiata ou mentis de cavaleiros que saíram à cruzar. Uma parsiata à Jesus.
- c) Porque sabiam que condenar com ele seria um pecado. E eles eram punidos.

Comentários

No item **a**, o candidato poderia recorrer ao trecho apresentado na prova respondendo que o Diabo não reconhece os personagens, ou seja, desconhece que são nobres Cavaleiros. Havia outras possibilidades de resposta nesse item, tais como afirmar que se tratava de Cavaleiros de Cristo, ou que eram cavaleiros que lutaram pela fé cristã, ou ainda que o Diabo queria convencê-los a ingressar em sua barca, ou simplesmente que o Diabo lhes dirige a palavra. Muitos candidatos cometeram o equívoco de responder ao item **c** no lugar do **a**, o que não foi considerado.

Já no item **b**, o candidato deveria dizer onde e como morreram os Cavaleiros. Havia duas possibilidades de resposta a respeito do local da morte: a primeira, que morreram em "partes d'além", referindo-se à fala do Outro Cavaleiro; e a segunda, no Oriente, caminhos para Jerusalém ou Terras Santas. O outro aspecto do item deveria contemplar uma referência à campanha religiosa dos cristãos contra os infiéis em nome e defesa da fé cristã, ou seja, as Cruzadas. Foram freqüentes respostas que afirmavam que a causa das mortes dos Cavaleiros se deu por defenderem seu país, sua pátria. Essas respostas não foram consideradas, por não contemplarem os valores morais e religiosos que Gil Vicente prega em *O Auto da Barca do Inferno*.

Para responder ao item **c**, o candidato deveria fazer referência à certeza da salvação, já que os Cavaleiros lutaram em nome da fé cristã, eram Cavaleiros de Cristo e, por isso, receberiam um lugar garantido no céu, na Barca do Anjo ou da Glória. As respostas que indicaram apenas que se tratava de Cavaleiros de Cristo ou nobres Cavaleiros e não mencionavam a certeza da salvação não receberam os pontos totais desse item.

12. Os versos abaixo pertencem a *O guardador de rebanhos*:

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?
O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

(Alberto Caeiro, *O guardador de rebanhos*, em Fernando Pessoa, *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p.151-152.)

a) Um dos principais recursos retóricos empregados na poesia de Alberto Caeiro é a *tautologia*. Identifique um exemplo desse recurso e explique como se relaciona com a visão de mundo de Alberto Caeiro.

b) Qual o sentido da metáfora empregada entre parênteses?

c) Explique o sentido do paradoxo presente no 3º. verso da 3ª. estrofe.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Os versos em que se observa o uso da tautologia são: "O que nós vemos das coisas são as coisas" e "ver e ouvir são ver e ouvir".

A função da tautologia é afirmar uma mesma idéia, reafirmando o já dado, o óbvio. Trata-se de um recurso que equivale à repetição, à redundância ou à reiteração de uma idéia já apresentada.

O uso da tautologia em Alberto Caeiro visa à negação das construções poéticas tradicionais; nesse sentido sua visão de mundo é tida como antipoética. Sua linguagem busca o despojamento, a objetividade e o desejo de simplicidade, rejeitando sentidos ocultos, mistérios e símbolos.

b) (1 ponto)

Em "tristes de nós que trazemos a alma vestida!", o eu lírico lamenta o peso dos ensinamentos e convenções que, tal qual uma vestimenta, velam nossa alma e nos impossibilitam a visão e revelação direta das coisas. Pelo despojamento da roupagem, Caeiro dá ênfase à naturalidade e à adesão espontânea às coisas, repudiando os excessos da reflexão e do pensamento. A roupa, a vestimenta, tudo o que nos cobre os olhos e os sentidos, são imposições culturais, filosóficas, religiosas, trazidas pelo processo civilizador.

c) (2 pontos)

O paradoxo em "uma aprendizagem do desaprender" diz respeito à formação de um novo homem, liberto do peso da metafísica em que foi tradicionalmente formado. Trata-se de um novo processo de aprendizagem que pressupõe a libertação de todas as convenções e pensamentos adquiridos. Paradoxalmente, para aprender é preciso se despojar das formas e conteúdos impostos pela civilização.

Exemplo Acima da Média

ⓐ Um exemplo desse recurso encontra-se no trecho:
"mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas / nem as flores se
não flores / sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores". Para Caie-
ro, as coisas são exatamente aquilo que aparentam ser, sem a
necessidade da racionalização acerca delas, nem a presença
de outros significados ocultos: flores são flores, estrelas são estrelas, etc.

ⓑ A metáfora faz alusão a racionalização e metafísica que vêm
imbuídas em certas sensações. Para a alma vestida indica
um olhar sobre as coisas carregado de caracterizações pré-
definidas, pré-estabelecidas. Um olhar que não consegue se des-
vincular do pensamento.

ⓒ O paradoxo é estabelecido entre as ideias de aprender e de
saber. Para Caieiro, o verdadeiro aprendizado acontece
quando nos afastamos da racionalização, de seja, desapren-
demos todos aqueles conceitos pré-definidos e apenas vemos
as coisas como elas realmente são.

Exemplo Abaixo da Média

a) "Saber ~~ver~~ ver sem estar a pensar,
saber ver quando se vê"
Este trecho indica a despreocupação, o despojo
com problemas, como exemplo do tautologia.

b) Tristes aqueles que têm a alma escondida
por um hábito, no caso de que têm uma
alma boa.

c) Aprender a se desligar das coisas. Aquelas
que sabem muito devem aprender a se desligar.

Comentários

No item **a**, não era necessário definir tautologia, mas apenas apontar um verso onde tal recurso era utilizado e explicar a relação entre esse uso e a visão de mundo de Alberto Caieiro, como podemos verificar no exemplo acima da média. Assim, vários versos poderiam ser citados: "O que nós vemos das coisas são as coisas" (o mais citado); "Se ver e ouvir são ver e ouvir"; "Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas" ou "Nem as flores senão flores". A tautologia é recorrente na obra de Alberto Caieiro, poeta do campo e homem simples, devido à sua linguagem despojada, objetiva e desprovida de subjetivismo e pensamentos abstratos. Ao recorrer a essa figura de linguagem, Caieiro pretende mostrar que as coisas se apresentam como são, negando, portanto, construções

poéticas tradicionais carregadas de subjetivismo. Alguns candidatos conseguiram indicar exemplos da tautologia, porém não souberam relacioná-la à obra de Caeiro.

No item **b**, o verso “triste de nós que trazemos a alma vestida”, traz a metáfora ‘alma vestida’ como a alma presa à convenção cultural, aos conceitos ou aos pensamentos pré-concebidos que o homem carrega consigo e que o impedem de apreender as coisas como elas são. Foram comuns respostas em que a metáfora é interpretada de forma equivocada: a ‘alma vestida’ seria, literalmente, uma alma que se esconde atrás de uma vestimenta.

Para responder ao item **c**, o candidato deveria explicar o sentido paradoxal de “Uma aprendizagem de desaprender” e perceber que a contradição existe na medida em que é necessário que uma primeira aprendizagem seja esquecida para que uma outra ocorra. Conseqüentemente, o homem deveria se libertar da razão, do pensamento adquirido durante toda a sua aprendizagem, da cultura ou de idéias pré-concebidas, para conseguir olhar o mundo tal como ele se mostra. Esse item foi o mais respondido da questão, embora alguns candidatos tenham apenas localizado o paradoxo, sem explicá-lo.